

NAS ÁGUAS INSONES DE MARLY VASCONCELOS

Noemi Elisa Aderaldo

Considerando as qualidades incomuns que nela palpitam e a singular inspiração que a permeiam, opinamos, surpresos, que não se fez ainda a devida justiça à obra literária de Marly Vasconcelos em sua dupla vertente de prosa e poesia.

Cabe dizer-lo, sobretudo, do seu primeiro livro de ficção, intitulado *Coração de Areia*, que representa obra de maior envergadura, precedida, de algum tempo, pela primeira recolha de poemas intitulada *Água Insono* e pela *Cáttygua Proençal*, já agora seqüenciadas por seu livro de “Contos” e por outro volume de poemas, “Povoado” (timbrado por reminiscências de infância), ambos ainda inéditos.

Antes de mais nada, acorda-nos em *Coração de Areia* o majestoso sentido de Unidade que o enfeixa num todo em que não se detectam fissuras, muito embora este todo, internamente, se estruture de forma realmente singular, em virtude das surpreendentes inovações ocorrentes no fluir da narrativa. Esta unidade estrutural de realização se encontra intimamente firmada e hipostasiada por sua unidade temática. Talvez por isso mesmo, a cavaleiro do seu tema, que amplamente domina nos mais ínfimos meandros e que lhe é biograficamente tão familiar, pode se dar tranquilamente a autora à ousadia de suas inovações, que passariam quase despercebidas a um leitor menos atento, tal a maneira como espontaneamente se introduzem, no fluxo de sua prosa ficcional, mais que simplesmente quebrando, transcendendo normas canônicas habituais, até certo ponto estereotípicas.

A ambiência da obra e o entorno global em que se movem as personagens, plenamente evocado e presentificado pelo que podemos chamar de “memória afetiva” do narrador que assume o primeiro plano, são substancializados na paisagem, não só telúrica como humana da “casa grande” e da fazenda interiorana, paisagem ainda não de todo estilhada de algumas décadas atrás, povoada pelas tradições de uma linhagem de ancestrais com suas normas rígidas, suas peculiares e implacáveis leis

morais, seu aferramento a velhas práticas e costumes cercando a vida em todos os seus aspectos – do amor à procriação, do comportamento social à vida cotidiana e ao trato da terra, da punição e da vingança à observância dos preceitos religiosos, da educação dos folguedos e à morte, tudo seguindo rituais pré-convencionados, não obstante as inevitáveis idiosincrasias e desvios individuais, perante uma transição e uma lenta mudança dos tempos que sentimos a pouco e pouco ir se delineando, para afinal culminar numa ruptura, pelo menos parcial, pelo menos psicológica. Este, um dos diversos fios que podemos rastrear na urdidura da obra.

Cabe assim dizer que o personagem principal, com corpo e voz própria percorrendo o livro todo, é, na verdade, aquele mundo, aparentemente tão sólido mas já num limiar de dissolução, presente nos detalhes do dia a dia, nos menores gestos e nas palavras. Toda esta consumada reconstituição, não só de um lugar e um tempo ido que deixaram marcas, não apenas dos elementos do seu universo, como de toda a peculiar atmosfera que a linguagem da autora nos leva doce e espontaneamente a respirar, representa, na verdade, uma de suas maiores qualidades.

Dessa atmosfera – o que nos parece o mais sutil, delicioso e refinado feito – está a prosa inteira impregnada, a infiltrar-se por assim dizer, por todos os “poros” da obra, que perfaz um corpo só com vida própria, deixando-nos a forte impressão dos visceralmente vivido, com o corpo e com a alma – vivido, respirado, amado e sofrido, de forma “dolorosamente forte”, para empregar uma oximórica expressão colhida no texto, e que tão bem se adequa ao que dizemos.